

IX ENCONTRO DO INSTITUTO ADOLFO LUTZ I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE VIGILÂNCIA E RESPOSTA RÁPIDA

M-104-22 TÉCNICA DE COLORAÇÃO NEGATIVA PARA DIAGNÓSTICO RÁPIDO DE VÍRUS POR MICROSCOPIA ELETRÔNICA (ME)

Autores: Kisielius JJ (Instituto Adolfo Lutz, São Paulo, SP/Brasil) ; Ueda M (Instituto Adolfo Lutz, São Paulo, SP/Brasil) ; Gouvêa ARL (Instituto Adolfo Lutz, São Paulo, SP/Brasil) ; Utagawa ML (Instituto Adolfo Lutz, São Paulo, SP/Brasil)

Resumo

O primeiro relato sobre o uso do ME no diagnóstico de vírus foi em 1948, para identificação de vírus Smallpox em amostras clínicas. O fator limitante era a técnica de preparação que não permitia uma visualização nítida das partículas virais. Com o desenvolvimento da técnica de coloração negativa por Brenner & Horne em 1959, melhorou a identificação de partículas virais que, aliada a rapidez da preparação, foi prontamente introduzida no diagnóstico de vírus. A detecção de vírus por esta técnica é realizada a partir de diversos materiais biológicos, que permite obter um diagnóstico rápido de diversas infecções virais humanas. Este estudo tem por objetivo avaliar os vírus mais frequentes encontrados nas amostras recebidas. Foi realizado um levantamento abrangendo o período de 2007 a 2012 que envolviam rotina, pesquisa e controle de qualidade. Foram analisadas 1408 amostras: cultura de células (19,6%), fezes (27,2%), liquor (12%), urina (7,17%), lesão de pele (4,97%), fragmento de tecido (3,9%) e outros (25,20%). Destas, 1029 foram negativas e 268 amostras foram encontradas partículas virais, sendo o “SRV” (16%), rotavírus (7,5%), norovírus (5,2%), adenovírus (6,7%) e partículas de vírus tubulares (5,9%) em amostras de fezes. O vírus herpes foi mais frequente em conteúdo vesicular (13,8%) e o poliomavírus (5,9%) em amostras de urina e 39% foram outros tipos de vírus, como astrovírus, coronavírus, calicivirus e outros com menor frequência. Atualmente, com as técnicas moleculares que permitem diagnósticos mais sensíveis e específicos, a ME ficou reservada para uso em situações emergenciais. Essas situações podem ser definidas como: a) detecção de vírus emergentes e reemergentes, b) surtos de origem desconhecida, c) colaboração com outros Laboratórios da Virologia na confirmação do agente causador, d) ataques de bioterrorismo.